

Um
mundo de
oportunidades

Volume 14
2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

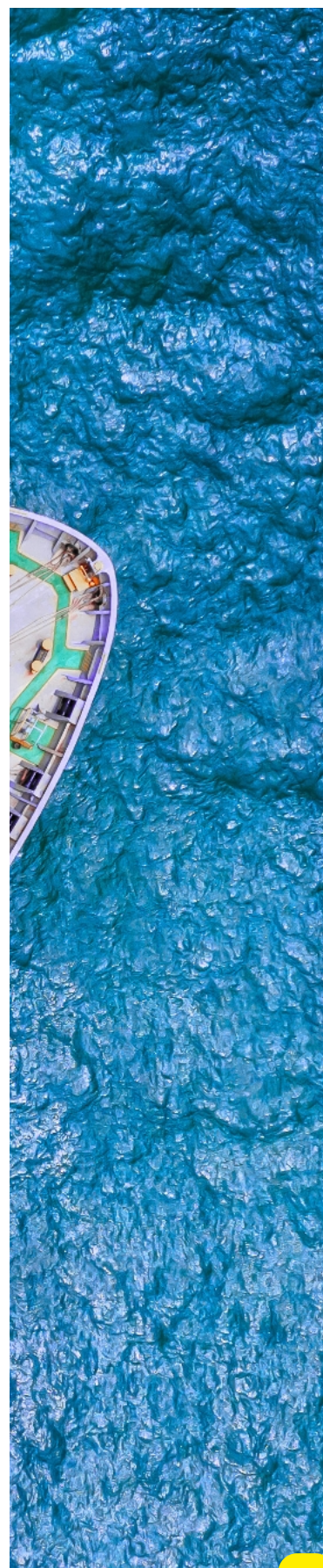
Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





O SETOR AÇUCAREIRO NIGERIANO E OPORTUNIDADES PARA INVESTIDORES BRASILEIROS

Data: 12/02/2026

Posto: Abuja/Nigéria

Palavras-chave: Nigéria, açúcar, mercado, desafios, oportunidades.

Responsável: Frederique Abreu e Abigail Musa

SUMÁRIO:

A indústria açucareira da Nigéria evoluiu de um modelo estatal pouco eficiente, no pós-independência, para um sistema baseado em integração vertical liderado por grandes grupos privados, impulsionado pelo Nigerian Sugar Master Plan (NSMP). Apesar da expansão recente — com produção de cana projetada em 3,5 milhões de toneladas na safra 2025/26 — o país supre apenas pequena parcela da demanda doméstica de 1,7 milhão de toneladas de açúcar, mantendo forte dependência de importações. O Brasil domina 97% do fornecimento de açúcar bruto ao mercado nigeriano, consolidando posição estratégica. O ambiente regulatório é protecionista, com tarifas elevadas para açúcar refinado e incentivos vinculados ao Backward Integration Program. Persistem desafios estruturais como capacidade ociosa das refinarias, insegurança fundiária e baixa produtividade agrícola. Até 2033, projeta-se crescimento moderado da produção doméstica, mas a dependência externa continuará estrutural, garantindo oportunidades comerciais e de investimento para o setor privado brasileiro.

1. Histórico da Produção de Cana-de-Açúcar na Nigéria

1.1 Era Colonial e Pós-Independência (Século XV - 1960s)

A história da cana-de-açúcar na Nigéria remonta ao século XV, quando exploradores portugueses introduziram a cultura na região ^[3]. Durante a era colonial, administradores britânicos reconheceram o potencial econômico da produção e comércio de açúcar, estabelecendo plantações e usinas ao longo das regiões costeiras.

Após a independência em 1960, o governo nigeriano buscou encorajar a produção doméstica de açúcar, levando ao estabelecimento da Nigerian Sugar Company (NISUCO) em 1961. A NISUCO Bacita foi a primeira fábrica integrada de açúcar industrial do país, com capacidade instalada de 40 mil toneladas. A produção de açúcar iniciou-se efetivamente em 1964, marcando o primeiro marco significativo na industrialização do setor.

1.2 Era da Estatização e Desempenho Limitado (1960s - 1990s)

Nas décadas subsequentes à independência, a Nigéria ampliou seus investimentos em infraestrutura açucareira, com o governo controlando a maioria das operações. Contudo, a indústria nunca atingiu seu potencial pleno, historicamente suprimindo apenas cerca de 5-6% da demanda doméstica de açúcar. O país enfrentava desafios crônicos de produtividade, gestão inadequada e infraestrutura deficiente ^[3].

Esta dependência de importações resultou em drenagem significativa de divisas, desemprego estrutural e problemas de segurança alimentar. O setor permaneceu pouco atrativo para investimentos privados durante este período.

1.3 Reforma Estrutural e Privatização (1990s - 2010s)

No final da década de 1990, o governo nigeriano iniciou um ambicioso programa de privatização das indústrias açucareiras estatais, atraindo investidores privados e transformando o mercado. Este período marca a transição de um setor dominado pelo Estado para um modelo de parcerias público-privadas.

Importantes investimentos foram realizados pela Dangote Group, BUA Group, e Flour Mills of Nigeria (Golden Sugar). A Dangote iniciou seu "Sugar for Nigeria Project" sob o plano de integração vertical, buscando produzir entre 1,5 e 2,0 milhões de toneladas de açúcar refinado a partir de cana cultivada localmente. A BUA adquiriu a Lafiagi Sugar Company em Kwara em 2008 (transferência completa em 2014), enquanto a Sunti Golden Sugar iniciou seu plano de desenvolvimento de cinco anos ^[4].

1.4 Era Moderna: Plano Mestre de Açúcar (2009 - Presente)

Em 2009, o governo nigeriano lançou o Nigerian Sugar Master Plan (NSMP) com o objetivo ambicioso de alcançar autossuficiência em açúcar.

O NSMP foi estendido por 10 anos até 2033 em setembro de 2022, com a segunda fase (NSMP II) almejando:

- Produção de 1,7 a 1,8 milhões de toneladas de açúcar refinado por ano;
- Provisão de 300 mil hectares de terras irrigadas em nove estados;
- Estabelecimento de novas usinas e refinarias em nove estados adicionais.

A produção de cana bruta mais que dobrou de 1,53 milhões de toneladas (2010) para 3,33 milhões de toneladas (2024/25), refletindo renovado interesse do governo e de investidores privados ^[5]. Apesar desta trajetória representar uma mudança estrutural no setor, ela ainda é tímida frente ao potencial produtivo do país.

2. Situação Atual da Produção (2024/25 - 2025/26)

2.1 Produção de Cana de Açúcar

Tabela 1: Projeções de produção de cana-de-açúcar:

Indicador	2023/24	2024/25	2025/26
Área Plantada (mil ha)	130	130	130
Área Colhida (mil ha)	95	95	100
Produção (mil MT)	3.325	3.325	3.500

A previsão aponta um aumento de 5% na área colhida de cana para 100 mil hectares para a safra 2025/26, resultando em produção de 3,5 milhões de toneladas ^[1]. Este crescimento é atribuído à:

- Aumento esperado na demanda doméstica de açúcar;
- Investimento contínuo do setor público-privado;
- Redução de preços de insumos agrícolas e combustível.

É importante notar que grande parte (70%) da cana produzida na Nigéria tem como destino o consumo in natura, enquanto apenas 30% é processada em açúcar refinado pelas grandes usinas ^[1].

2.2 Produção de Açúcar Refinado

A produção doméstica de açúcar refinado é projetada em 105 mil toneladas para 2025/26, representando aumento de 31% comparado a 2024/25. Esta elevação não indica crescimento ano-a-ano significativo em volume, mas reflete ajuste nas estimativas de rendimento de cana (de 18 T/ha para 35 T/ha), alinhado aos contatos da indústria que indicam rendimentos variando de 30 T/ha (sequeiro) a 40 T/ha (irrigado) ^[1]. A título de referência, o rendimento médio de cana na safra 2025/26 está estimado em 75 T/ha (sequeiro).

Apenas 30% da cana processada resulta em açúcar bruto; a taxa de recuperação de açúcar bruto a partir de cada tonelada de cana é aproximadamente 10%, enquanto a taxa de recuperação de açúcar bruto para açúcar cristalizado branco refinado é 96% ^[1].

As três grandes empresas processadoras — Dangote, BUA e Golden Sugar — enfrentam capacidade ociosa estimada. Dangote é a única que converte cana local em açúcar branco refinado, enquanto Golden Sugar termina o processamento em açúcar bruto, e BUA atualmente refina apenas açúcar bruto importado.

3. Demanda e Consumo de Açúcar

3.1 Consumo Doméstico

A Nigéria projeta consumo de açúcar de 1,7 milhão de toneladas em 2025/26, representando aumento de 13% comparado a 2024/25 (1,5 milhão MT) ^[1]. Este crescimento é impulsionado pela:

- Recuperação econômica esperada: Aumento da produção de petróleo, estabilização da Naira, redução de pressão sobre câmbio e redução de custos de combustível;
- Melhoria do poder de compra: Após impacto negativo do subsídio ao combustível em 2023-24;
- Demanda industrial: 80% do consumo é industrial (bebidas, alimentos, confeitaria, farmacêutico), enquanto apenas 20% é consumo doméstico.

O consumo per capita de açúcar na Nigéria é aproximadamente 9 kg/ano, significativamente inferior à média africana de 17 kg/ano, indicando potencial de crescimento futuro.

3.2 Consumidores Industriais Principais

O setor de bebidas não alcoólicas é o maior consumidor de açúcar industrial, seguido por alimentos e bebidas, confeitaria, e farmacêutico ^[1].

4. Comércio: Importações e Exportações

4.1 Importações de Açúcar Bruto

A Nigéria importa 1,9 milhão de toneladas de açúcar bruto em 2025/26, representando aumento de 11% comparado a 2024/25. O Brasil domina 97% do mercado de fornecimento de açúcar bruto nigeriano, sendo praticamente o único fornecedor viável.

As importações brasileiras via porto de Santos para a Nigéria aumentaram significativamente, com 66% das importações totais nigerianas do Brasil consistindo de açúcar em 2025 ^[2]. Este é o maior mercado de açúcar brasileiro na África Ocidental, à frente do Egito e Gana.

4.2 Restrições às Importações de Açúcar Refinado

Embora formalmente proibidas, as importações de açúcar refinado aumentaram 68% em 2024 comparado a 2023, segundo dados da Trade Data Monitor. Empresas contornam a proibição declarando açúcar refinado sob códigos HS alternativos para "uso industrial", evitando tarifas elevadas.

4.3 Exportações de Açúcar Refinado

A Nigéria exportará 375 mil toneladas de açúcar refinado para a África Ocidental e outros países africanos em 2025/26, permanecendo estável comparado ao ano anterior. Esta estabilidade reflete aumento de consumo doméstico compensando expansão de capacidade.

5. Políticas e Ambiente Regulatório

5.1 Plano Mestre de Açúcar - NSMP

O NSMP é a política central norteando o desenvolvimento do setor. A Fase II (até 2033) estabelece modelo de "regime tarifário protetor" visando:

- Proteger mercado para investidores implementando planos de integração vertical
- Estimular produção doméstica de cana
- Reduzir dependência de importações

Sob o Backward Integration Program (BIP), o governo distribui permissões anuais de importação de açúcar bruto baseadas na implementação de planos de integração vertical pelas refinarias. Maiores investimentos em cana doméstica qualificam as empresas a quotas maiores de importação ^[6].

5.2 Tarifas e Impostos

Açúcar Bruto Importado:

- Tarifa: 5%
- Taxa ao Conselho de Açúcar: 5%
- Taxa sobre frete CIF: 1%
- IVA (Value Added Tax): 7,5%
- Total: 18,5% (para participantes do BIP)

Açúcar Refinado Importado (fora de embalagem de varejo - proibição formal):

- Tarifa: 20%
- Taxa de desenvolvimento: 50%
- IVA: 7,5%
- Total: 77,5%

Estas tarifas elevadas refletem política protecionista para proteger refinarias domésticas.

5.3 Imposto sobre Bebidas Açucaradas

Desde junho de 2022, o governo impõe imposto de 10 Aairas por litro em bebidas não alcoólicas e carbonatadas açucaradas, visando reduzir prevalência de obesidade, diabetes e doenças relacionadas à dieta.

6. Empresas Operadoras Principais

6.1 Dangote Sugar Refinery

- Locais: Refinaria em Lagos, três plantações (Savannah em Adamawa, Lau Tau em Taraba, Tunga em Nasarawa);
- Capacidade Instalada: 1,44 milhões de toneladas/ano;
- Área de terra disponível: 23 mil hectares (6 mil plantados);
- Diferenciar: Única empresa que converte cana local em açúcar branco refinado.

6.2 BUA Sugar Company

- Locais: Duas plantações (Lafiagi em Kwara, Bassa em Kogi), duas refinarias (Apapa em Lagos, Port Harcourt em Rivers);
- Capacidade Instalada: 1,5 milhões de toneladas/ano;
- Área de terra disponível: 20 mil hectares (5 mil plantados);
- Limitação: Atualmente refina apenas açúcar bruto importado.

6.3 Golden Sugar (Flour Mills of Nigeria)

- Locais: Refinaria em Lagos, plantação em Sunti (Niger)
- Capacidade Instalada: 750 mil toneladas/ano
- Área de terra disponível: 15 mil hectares (5 mil plantados)
- Modelo: Processamento local termina em açúcar bruto (não refinado)

Juntas, estas três empresas controlam capacidade combinada de 3,69 milhões de toneladas/ano, permanecendo significativamente ociosa dado o baixo volume de cana industrial disponível.

7. Oportunidades para o Setor Privado Brasileiro

7.1 Consolidação como Fornecedor Estratégico de Açúcar Bruto

Com 97% do mercado de açúcar bruto nigeriano, o Brasil detém posição dominante com perspectivas de consolidação. As projeções de crescimento de 13% na importação de açúcar bruto para 2025/26 refletem:

- Recuperação econômica esperada na Nigéria;
- Estabilização da moeda nigeriana favorecendo importações;
- Crescimento sustentado da demanda industrial.

Recomendação: Empresas brasileiras devem fomentar relacionamentos comerciais diretos com refinarias nigerianas, destacando:

- Confiabilidade de suprimento (10+ anos de relacionamento);
- Qualidade consistente de açúcar bruto brasileiro;
- Logística estabelecida via Porto de Santos.

7.2 Diversificação de Produtos Açucarados

Além de açúcar bruto, existe potencial para exportação de:

- Açúcar cristalizado refinado para uso industrial em alimentos e farmacêutico;
- Açúcar demerara para segmento de confeitaria em expansão;
- Produtos derivados de cana (melaço, xarope de glicose) para indústria de bebidas.

A Nigéria importa atualmente açúcar refinado via declarações enganosas (68% de aumento em 2024), sinalizando demanda não-satisfeita. Renegociação de tarifa ou exceções comerciais podem abrir canal legal de escoamento.

7.3 Parcerias Comerciais com Empresas de Processamento

Oportunidade de firmar contratos de longo prazo (3-5 anos) com Dangote, BUA e Golden Sugar, oferecendo:

- Volumes previsíveis de açúcar bruto com qualidade garantida;
- Preços indexados internacionalmente com ajustes semestrais;
- Financiamento estruturado para importações (ex.: cartas de crédito)

Estas empresas expandem capacidade de processamento; maior certeza de suprimento favorece seus planos de integração.

7.4 Investimento Direto em Produção Local

Para empresas brasileiras com maior apetite de risco:

- Participação acionária em empresas de cana ou refinarias nigerianas;
- Transferência de tecnologia em cultivo de cana (variedades de alta produtividade);
- Gestão operacional de plantações sob o modelo de joint-venture;

A Nigéria possui 300 mil hectares planejados de terras irrigadas sob NSMP II, ainda não ocupados, representando oportunidade de expansão.

Recentemente a Golden Sugar fez uma parceria com um grupo brasileiro (não divulgado por questões de confidencialidade) para revitalização e expansão de seus canaviais. Em janeiro deste ano, nos foi informado que o grupo brasileiro já começou os trabalhos na Nigéria.

7.5 Agroindústria Integrada: Etanol e Co-produtos

Um segmento emergente na Nigéria é a produção de etanol. O governo de Niger anunciou meta de produzir 250 milhões de litros de etanol a partir de cana nos próximos três anos. Empresas brasileiras experientes em etanol podem:

- Oferecer tecnologia de destilação e processamento;
- Assessorar governo em políticas de combustíveis renováveis;
- Participar de projetos de usinas integradas etanol-açúcar.

8. Desafios do Setor

8.1 Capacidade Ociosa de Refinarias

Apesar de 3,69 milhões de toneladas de capacidade instalada, refinarias operam significativamente abaixo de capacidade devido à escassez de cana industrial de qualidade adequada.

8.2 Insegurança e Conflitos Fundiários

Produtores de cana enfrentam:

- Insegurança e hostilidades comunitárias;
- Disputas de propriedade de terras entre operadoras e comunidades locais;
- Limitação de expansão de área plantada.

8.3 Custo de Operação e Volatilidade Cambial

Custo operacional elevado (combustível, transporte) reduz margem das refinarias, interferindo em decisões de expansão. Volatilidade cambial afeta preços de importação de insumos e tecnologia.

8.4 Pequenos Produtores Sub-aproveitados

Associações de pequenos produtores contribuem apenas pequena fração de cana industrial. A maioria produz cana para consumo in natura (70% da produção nacional), fora da cadeia industrial.

9. Perspectivas Futuras (2026-2033)

9.1 Crescimento Esperado da Demanda

- Alto Crescimento populacional (país com mais de 220 milhões de habitantes;)
- Urbanização acelerada;
- Expansão de setor de alimentos e bebidas;
- Demanda per capita ainda inferior à média africana.

Projeção: Consumo de 1,7 MT em 2025/26, podendo atingir 2,0 MT em 2033.

9.2 Produção Doméstica em Expansão (Moderada)

NSMP II aponta meta de 1,7-1,8 MT de açúcar refinado/ano por 2033. Considerando produção atual de 105 mil toneladas (2025/26), crescimento significativo, mas ainda insuficiente para autossuficiência).

Implicação: Dependência de importações permanecerá estrutural, garantindo demanda por açúcar brasileiro.

9.3 Integração Regional e Comércio Intra-Africano

A Nigéria exporta 375 mil toneladas de açúcar refinado para África Ocidental. Potencial de crescimento via:

- Melhoria de infraestrutura de transporte regional;
- Harmonização de padrões comerciais CEDEAO;
- Posicionamento da Nigéria como hub de distribuição de açúcar para região ^[2].

Conclusões

A Nigéria representa mercado crucial para fornecedores brasileiros de açúcar, consolidado na próxima década. Os fatores-chave que sustentam oportunidades incluem:

1. Posição dominante do Brasil: 97% market share em açúcar bruto, com relacionamentos estabelecidos;
2. Demanda em crescimento: Projeção de 13% de aumento em importações (2025/26), sustentada por recuperação econômica;
3. Políticas favoráveis: NSMP garante mercado protetor para refinarias, estimulando investimento em cana local e demanda por importações de qualidade;
4. Defasagem permanente: Capacidade local insuficiente para atender demanda futura, garantindo nicho para importadores;
5. Oportunidades de diversificação: Além de açúcar bruto, potencial em etanol, produtos refinados e parcerias estratégicas.

Empresas brasileiras bem posicionadas — com expertise em produção de cana, tecnologia de refino e logística — poderão capturar valor significativo em mercado nigeriano em expansão, seja como fornecedores de commodities, parceiros tecnológicos ou investidores diretos.